

O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE MOBILIDADE SOCIAL: possibilidades e limites de ascensão com ênfase na trajetória de jogadores maranhenses profissionais

FOOTBALL AS A SOCIAL MOBILITY INSTRUMENT: possibilities and limits of ascension with emphasis on the trajectory of professional players from Maranhão

Francisco Walisse Rodrigues Caldas

Orientador: Prof. Dr. Hugo Freitas de Melo

RESUMO

Trata-se de um estudo voltado a análise da estratificação e mobilidade social com ênfase no esporte, tendo como referência o futebol. Discute que o futebol é um esporte que pode projetar na vida do profissional uma mudança significativa de qualidade. Objetiva analisar a importância do esporte para a mobilidade social. A metodologia foi de caráter bibliográfico junto a uma análise de trajetórias de jogadores de futebol profissionais, em especial maranhenses, através de pesquisa em livros e artigos em bases de dados. O estudo descreve o impacto do futebol na mobilidade vertical e horizontal. Concluiu-se que é preciso muito mais investimentos para a profissionalização de indivíduos no futebol, pois a trajetória para construção de um atleta profissional com destaque nacional e internacional percorre muitos caminhos desafiadores.

Palavras-Chave: Mobilidade social. Futebol. Estratificação.

1 INTRODUÇÃO

O futebol de campo é um esporte que se disseminou no Brasil a partir da primeira metade do século XX e atualmente é fator de integração territorial e um importante elemento definidor da nacionalidade (MASCARENHAS, 2012). Ele nasceu em 1895 na Inglaterra e era um esporte conhecido por "*the football*". Segundo Máximo (1999, p. 15),

O esporte já era então obrigatório nos recreios escolares britânicos. Isso desde a década de 1840, quando a rainha Vitória, aconselhada pelo pedagogo Thomas Arnold, pôs fim à proibição soberana que, por séculos, seus antecessores andaram impondo ao *mass football*, jogo de rua, violento, às vezes fatal, que vinha de antiga tradição.

Nesse período, a bola utilizada era elaborada através de uma bexiga de boi revestida com couro e em campo era aproximadamente 50 jogadores de cada lado, o que tornava o jogo muito mais hostil (MÁXIMO, 1999). Com as mudanças ao longo dos anos, hoje o futebol de campo é jogado com apenas 11 jogadores de cada lado, possui código de conduta e penalizações para conter a violência e manter a organização.

O esporte, principalmente o futebol, produz grandes efeitos na sociedade, entre eles está a socialização e a mobilidade social. Segundo Viveiros et al. (2015, p. 28) o Brasil vive uma relação interessante com o esporte, “uma vez que sediou [...] a Copa do Mundo da FIFA (2014) e, em 2016, os Jogos Olímpicos na Cidade do Rio de Janeiro. As oportunidades associadas a esses megaeventos são imensas nos mais diversos setores”, o que de fato impulsiona a ciência do esporte¹ no país e proporciona também mobilidade social.

A mobilidade social, por sua vez, é descrita como “processo de desenvolvimento econômico [...] que está relacionada com o processo de racionalização econômica e social, representado pelo surgimento do capitalismo e pela consequente crise dos sistemas sociais tradicionais”. Essa afirmação é baseada no sistema de estratificação social que define que o poder e o privilégio estão intimamente atribuídos à família, ou seja, nasce com o indivíduo e é transmitida para sua geração (PEREIRA, 1973, p.17). Lovisolo (2011, p. 14) corrobora com Pereira (1973) quando menciona que “a mobilidade via esporte não é um processo neutro, pois ele acontece dentro de um contexto de valores específicos. No Brasil, os valores reproduzem as desigualdades sociais, a competição exagerada e o individualismo, aspectos nefastos do capitalismo”. Sendo assim, a mobilidade social e o capitalismo estão estreitamente relacionados.

Mas, é possível notar que no Brasil a mobilidade social via futebol para pessoas que residem em zonas periféricas é uma realidade, pois, “no futebol indicam que o mercado desse esporte tem como suporte um novo tipo de agência de formação profissional que recruta jovens adolescentes, em geral, pertencentes às camadas populares e médias” (SOARES et al., 2010, p. 909 apud DAMO, 2005; RIAL, 2006; PAOLI, 2007).

Desse modo, a problemática do estudo baseia-se no seguinte questionamento: quais os fatores sociais que possibilitam ao atleta a inserção no mundo do futebol profissional?

¹ A Ciência do Esporte pode ser definida como o processo científico utilizado para orientar/guiar a prática esportiva, visando o alcance do desempenho máximo (BISHOP, 2008).

Em seguida descreveu-se a justificativa que se dar a partir da minha inserção ao esporte, em específico o futsal e futebol de campo na posição de goleiro. Joguei durante anos em um time organizado por amigos de forma amadora. Jogávamos em torneios da cidade de Santa Quitéria do Maranhão e cidades circunvizinhas. Ter contato direto com as regras de jogo, com expectativa do que ele pode proporcionar, e principalmente com a paixão adquirida a partir da prática, trouxe-me inspiração para discutir concepções relacionadas à educação e a mobilidade social. Além disso, integrar-me ao curso de Ciências Humanas possibilitou-me compreensão acerca da mobilidade social e influenciou-me a argumentar o assunto junto ao futebol.

A relevância do estudo se dá pelo fato de o futebol ser conhecido, principalmente pela sua paixão popular, e é responsável por uma expressíssima movimentação econômica, além disso, pode ser um caminho de formação de atletas profissionais e conseqüentemente mobilidade social. Desse modo, observando a história e trajetória de alguns atletas maranhenses no futebol brasileiro e, que obtiveram certo sucesso em times estrangeiros, logo, levantasse uma importante discussão sobre fatores que os levaram a essa ascensão e, quais as dificuldades encontradas durante a formação futebolística e a prática do esporte até alcançarem a profissionalização.

A partir desse ponto, o objetivo geral do estudo é analisar os fatores que impulsionam a inserção de jovens atletas no “mundo do futebol” e os mecanismos usados para se alcançar à profissionalização e conseqüentemente jogar em grandes centros do futebol brasileiro, até chegar a times do exterior que é o “sonho de todo jogador jovem” e, como consequência, alcançando a mobilidade social. Já os objetivos específicos são: a) Compreender como o esporte influencia na valorização do ser humano em sociedade; b) Discutir o comportamento da sociedade com relação à mobilidade social por meio do futebol; c) Analisar o cenário dos atletas maranhenses que obtiveram oportunidade de se profissionalizar, jogar em algum centro do futebol brasileiro, chegando a algum time do exterior.

Desse modo, com esses objetivos em vista nos debruçamos sobre uma metodologia que nos permitisse um melhor entendimento da temática proposta. A metodologia é o alicerce da pesquisa científica, pois possibilita ao pesquisador a capacidade de observar, selecionar e organizar as informações de modo a realizar a pesquisa de forma coerente e satisfatória.

Diante do exposto, construiu-se uma hipótese delimitada na seguinte afirmação: Para que um jovem atleta consiga chegar a uma formação profissional no futebol há um longo caminho a ser trilhado, que demandam inúmeras situações, nuances, que exigem do postulante a atleta, tempo integral, treinamentos exaustivos, dedicação extrema, abdicção de vida social, educação, convívio com a família, tendo em vista que, o futebol é um nicho esportivo extremamente competitivo, alicerçado por vários fatores além de talento que possibilitarão ao jovem atleta galgar uma carreira no futebol, seja no Brasil ou no exterior.

Para que um “jovem jogador” consiga ingressar em um clube e venha a obter sucesso em sua carreira, seja no Brasil ou em outro país, precisa-se começar a caminhada muito cedo (faixa etária infantil/adolescente), de preferência estando matriculado em uma escolinha de futebol que lhe proporcione treinamentos especializados como descreve Rodrigues (2010) “futebol é uma modalidade sustentada pela ciência” e precisa ainda compreender as pressões em sua trajetória, como por exemplo, tempo e espaço vivido em seu cotidiano.

A partir disso, foi possível selecionar o método para ser utilizado nesta pesquisa, o método de análise de trajetórias de casos representativos de atletas maranhenses com destaque no futebol nacional e internacional. O objetivo é descrever a mobilidade social a partir do esporte (futebol de campo) e analisar estudos de caso de jogadores que nasceram no Estado do Maranhão e quais fatores influenciaram a profissionalização até sua ida ao exterior para ingressar em times estrangeiros.

A fundamentação teórica se constituiu da análise de fontes bibliográficas através do livro “a bola corre mais que os homens” de Roberto Damatta, casos de jogadores que obtiveram sucesso e dos bancos de dados virtuais como *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Google acadêmico, entre outras, durante janeiro a junho de 2022.

Para obtenção de resultados acerca do tema foram utilizadas as seguintes palavras como descritores: sociologia. Esporte. Futebol. Mobilidade social. Assim, a partir dessas palavras-chave foi possível selecionar aproximadamente 26 estudos entre artigos, monografias, dissertações. No entanto, foram criados alguns critérios de inclusão e de exclusão, baseados nos objetivos propostos para obtenção de resultados.

Foram excluídos da pesquisa estudos que não se adequaram ao tema proposto, realizados no período anterior a 1996, que não possuíam referencial

científico ou estavam incompletos, como apostilas ou textos inacabados, que estavam escritos em língua estrangeira e que foram realizados fora do Brasil. Assim, foram totalizados 16 artigos excluídos. Foram incluídos na pesquisa os trabalhos que: atendiam ao tema proposto, com data de publicação no período de 1996 a 2020, estavam completos com referência científica, escritos em língua portuguesa e pesquisas realizadas somente com adultos.

Assim, foram selecionados somente 12 estudos para a produção de resultados e discussão, como também literatura de Bachelard (1996), Bourdieu (2002), (2004), (2007) e (2009); Roberto Damatta (2012) e os dados encontrados foram organizados, as informações foram analisadas conforme cada objetivo proposto.

Além disso, as seções do estudo encontram-se descritas em 4 (quatro) etapas, onde a primeira descreveu a mobilidade social sob a ótica de Bourdieu, que tece críticas a educação e a escola como propulsor das mudanças sociais. Na segunda seção comenta-se sobre o esporte e a importância para inserção das classes minoritárias na sociedade, com ênfase na mobilidade social, na terceira seção, aduz sobre o papel do futebol como auxiliador, mesmo que em pequena proporção da mobilidade social e como os atletas têm se comportado com essa perspectiva. Já a última seção retrata as considerações finais do estudo, relacionando o objetivo geral aos pontos importantes do resultado e discussão do estudo, bem como esclarecendo sobre as respostas do problema do estudo.

2 MOBILIDADE SOCIAL através do futebol: possibilidades e limites

A realidade social do Brasil com relação à estratificação² é desenvolvida a partir de um sistema capitalista, segundo Aguiar (2007, p.31) a estratificação social é caracterizada “pelo compartilhamento de um mesmo modo de vida, com valores comuns, atitudes, hábitos aproximados e acesso às oportunidades de vida, ao mercado de trabalho e ao mercado de bens materiais ou simbólicos”. Contudo, é possível que haja uma ascensão ou um declínio de classes quando há um “controle de diferentes tipos e quantidades de capital” a partir da ocupação laboral, esportiva, entre outros, a chamada mobilidade social.

A mobilidade social “depende não só de oportunidades de mercado, mas também das condições do ponto de partida. Ao nível individual, tais condições

² Defini-se como a disposição hierárquica dos grupos ou indivíduos numa escala (STAVENHAGEN, 1973).

referem-se à idade de início de carreira, ao status ocupacional inicial, à origem social e background educacional” (CRUZ, 2011, p. 25). Nesse sentido, Bourdieu discorre três espécies de capitais que remetem a vida em sociedade, sendo elas: o *capital econômico*, o *capital social* e o *capital cultural*.

O capital econômico está atrelado ao poder aquisitivo, como também ao poder econômico; já o capital social é aquele desenhado a partir das relações estruturais da sociedade, rede de conhecimento e de influências que é adquirido ao longo da vida (relações capitalizadas) e o capital cultural é aquele cujo saber e reconhecimentos estão atrelados a diplomas e títulos (BOURDIEU, 2001). Sendo assim, cada um desses capitais pode movimentar a mobilidade social de um indivíduo de forma positiva ou não.

Contudo, mesmo com as libertações significativas e com a mobilidade social, a desigualdade ainda era, e é, um fator muito lamentável. Durante muito tempo as zonas periféricas, principalmente no Brasil, foram consideradas espaços de poucas oportunidades sociais, onde as diferenças entre classes eram tão evidentes e ainda são. Silva *et al.* (2010) corrobora com a afirmação quando descreve que “O Brasil tem um histórico de carência de políticas públicas”.

Há uma visão de senso comum de que a pobreza é permanente, porém, deste modo, ser pobre não significa estar preso à pobreza. Pesquisas recentes apontam um grau significativo de mobilidade em dois sentidos: um número surpreendente de pessoas conseguem escapar da pobreza e, ao mesmo tempo, um número ainda maior do que se pensa vive em pobreza em algum ponto de suas vidas (PITOMBEIRA; OLIVEIRA, 2020). A educação é um dos instrumentos para a promoção de mobilidade social, mas não é a única e talvez não seja a mais eficiente, o acesso à educação, nomeadamente superior, já não é por si só instrumento para promover a mobilidade social, perpetuando ciclos de pobreza em várias gerações (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2019).

Segundo Bourdieu (2009) principalmente sobre o ensino superior, quanto maior o nível de escolaridade, maior a possibilidade de mudar de posição social, tornando o ensino superior e as especializações “a resolução de todos os problemas”. Sob a ótica do texto *A reprodução* (1970) de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, é possível compreender que algumas escolas ainda tem uma visão idealista relacionada ao professor como detentor de saber e instrutor do conhecimento ideológico que torna o indivíduo reproduzidor de uma estrutura cultural padronizada.

Quando Bourdieu traz a problematização da escola, ele traz também conceitos teóricos de *habitus*, capital cultural e campo. O *habitus* é um processo que

une o corpo e a alma em consonância para realização da aprendizagem (BOURDIEU,1983a). Nesse sentido o *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias” (BOURDIEU, 2007, p. 191). Ou seja, os valores, crenças e aspirações fazem parte desse significado.

Logo, a partir desse ponto de vista, percebe-se que a escola é um espaço “social e cultural dotado de regras em que se configura como um campo ligado a determinados capitais movimentados e valores legitimados” (FAGUNDES, 2017, p.105).

Além disso, Bourdieu (2009) busca conceitos importantes, frente as desigualdades sociais que perpassam as questões econômicas. Ele busca compreender que diante da mobilidade e hierarquização existem maneiras de pensar em classes, onde uma delas é pensar no indivíduo como um ser que pratica um processo de produção e de consumo, mas também possui outras necessidades (BOURDIEU, 2009).

Sendo assim, essa mobilidade social entre classes pode retirar ou colocar um indivíduo na posição da pobreza. Bourdieu (2015, p. 97) menciona que a classe é vista como uma “proporção entre o número de homens e mulheres, correspondente a determinada distribuição no espaço geográfico [...]”, e por “[...] um conjunto de características auxiliares que, a título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios reais de seleção ou exclusão sem nunca serem formalmente enunciados [...]”. Então, algumas práticas podem corroborar para a tal mobilidade, entre elas o esporte.

Quando Bourdieu (1979) parte para estudos relacionados à sociologia do esporte escreve um clássico chamado “a distinção” (1979) que retrata o esporte aliado a outros objetos de entretenimento cultural demonstrando em uma pesquisa empírica que,

Os “gostos de classe” – *habitus* incorporado em referência a determinado volume global de capital cultural e econômico – não são derivações subjetivas, acidentais, disformes e frutos das motivações conscientes dos atores, mas, em vez disso, se apresentam como um sistema de disposições constituído e acionado consensualmente no sentido de classificar e distinguir, aproximar e distanciar objetivamente indivíduos e grupos no “espaço social de possíveis” (BOURDIEU, 2008a).

Esse fator pode ser observado também no futebol e esportes em geral, onde há distinção de arquibancada, camarote, setor coberto e setor descoberto; na forma

de entrar em um estádio (portaria convencional ou entrada executiva), revela-se aqui uma classificação econômica e uma distinção social. Mas, a mobilidade social pode ocorrer nessas circunstâncias, incorporadas a partir do *habitus*.

Contudo, outras linhas de pensamentos tratam a importância da ruptura do senso comum. É essencial discutir essa temática quando se trata do futebol e da ascensão ou não como formação de um atleta profissional, onde a ideologia do dom, do jogador nato ainda é destilada na noção moralmente carregada de mérito pessoal. Logo, Bachelard (1996), que em seu livro “a formação do espírito científico” retrata a importância do processo de construção da ciência em relação ao senso comum. É inevitável testemunhar indivíduos que ainda justificam seu insucesso sob a ótica de não possuí talentos. Segundo Bachelard (1996, p. 17) “não se trata de considerar obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos, nem de incriminar a fragilidade dos sentidos e do espírito humano”, trata de construir conhecimento para aos poucos destruir conhecimentos mal estabelecidos e compreender que para ter sucesso existem inúmeros fatores associados.

Ressalta-se que a educação é variável e isso é um ponto importante para alcançar a mudança de mentalidade dos indivíduos. Bourdieu (2007) em seu livro “escritos de educação” aborda um assunto importante para esse contexto que é: o ensino não é transmitido da mesma forma para todos os alunos. Essa problemática é advinda das desigualdades sociais, dessa forma, como mudar mentalidades se a própria escola traz barreiras? A busca por conhecimento é isso, “é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma série de imperativo funcional, lentidões e conflitos” (BACHELARD, 1996, p.24). Mas, é imprescindível que o ser humano saia do senso comum e busque conhecimento, pois mudar a mentalidade é identificar propósito e adquirir conhecimento, depois disso é possível pensar em mudar de classe, seja pelo esporte ou qualquer outro meio.

O futebol de campo é uma paixão para os brasileiros e está nesse patamar também pelo seu poder midiático. Todo esse cenário enaltece o esporte e o torna atrativo para quem assiste, mas principalmente para quem almeja ser atleta. Contudo, para considerar a formação de um atleta profissional é necessária a compreensão de fatores (fases e transições) de um indivíduo que estão ligados a “iniciação; desenvolvimento e especialização; aperfeiçoamento e anos de investimento; anos de manutenção do desempenho e pico” (STAMBULOV et al., 2009, p. 34), ou seja, não são todos os jogadores que ganham fama e dinheiro com o futebol. Desse modo, a mobilidade social não está intrínseca nesse esporte, mas pode ser alcançada.

Diante disso, encontra-se outra problemática sob “ser atleta profissional” que é a renúncia sob as situações de vida (abandono de escola, afastamento de família e amigos) para conseguir se dedicar de forma integral ao futebol e melhorar o condicionamento físico e técnica. Como exemplo, Melo (2010, p.21) menciona que,

O atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (idade equivalente ao sexto ano escolar) se completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido, uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 horas de treinamento no futebol, sem contarmos os jogos nos finais de semana. Isso nos permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol.

Nessa perspectiva, muitos atletas considerados “craques” que conseguiram vaga para atuar na seleção brasileira de futebol, infelizmente abandonaram a escola para dedicar-se ao esporte. Corroborando com essa afirmação, tem-se um estudo na categoria de base de um time de Belém do Pará no ano de 2013 com dados que revelavam que o “percentual de repetência escolar (54,2%), atraso escolar (71,2%) e defasagem escolar (45,7%) por conta de futebol eram altos” (ALMEIDA; SOUZA, 2013, p. 16). Contudo, não foi possível verificar dados mais recentes.

Romário de Souza Faria, conhecido no Futebol como Romário é um ex-atleta futebolístico que nasceu em comunidade (Jacarezinho- Rio de Janeiro) e começou cedo a jogar futebol, pois seu pai construiu um time e o incentivou no esporte. Ao se destacar no ramo, Romário chamou a atenção de clubes maiores do Rio de Janeiro, tendo durante sua carreira atuado por Vasco da Gama, Flamengo e Fluminense, chegando a jogar na Europa, na Holanda, no PSV Endhoven e na Espanha, no Barcelona, bem como, na seleção brasileira, sendo campeão mundial e eleito melhor jogador da copa do mundo de 1994. Contudo, seu lado profissional trouxe revés ao seu lado educacional, pois, Romário foi um dentre tantos outros jogadores que só concluíram o ensino médio após encerrar a carreira³.

Diante do exposto, nota-se que a mobilidade social por meio do futebol de campo possui inúmeras limitações. Inclusive, Mendes (2000, p. 31) comenta que,

O atleta mesmo com modificações a seu favor na legislação trabalhista e com o avanço nas reivindicações salariais, ainda sofre consequências negativas na profissão, pois os clubes continuam a ter liberdade de contratar e dispensar, mantendo o que melhor lhe convier em função dos resultados dos jogos, torneios e campeonatos, provocando a cada temporada um grande percentual de desemprego.

³ JORNAL EXTRA. Biografia Romário. 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/romario/>. Acesso em: 8 jun. 2022.

Sendo assim, além de dedicação integral de tempo, parte física e psicológica e marketing, ainda deve-se preocupar com a forma como se é visto por técnicos, dirigentes, olheiros, torcida e mídia em geral.

3 ESPORTE E SOCIEDADE: impacto do esporte nas classes sociais

As atividades diárias de um indivíduo realizadas na sociedade refletem um olhar que engloba práticas políticas e econômicas. Quando há um evento de futebol, é possível visualizar estratégias financeiras para suprir custos, mas também iniciativa do Estado para proporcionar a sociedade conhecimento e lazer (GODOY; SANTOS, 2014). Dessa forma, enxerga-se um histórico de desenvolvimento, mesmo que de pouco em pouco, em cada sociedade, de onde gerações futuras absorvem credenciais e políticas para continuar o legado de sua tribo (sociedade). Pelo simples fato do indivíduo comunicar-se, desenvolver símbolos e matérias o faz um instrumento de estudo (GODOY; SANTOS, 2014).

As expressões sociais e movimento de classes fazem parte da cultura e atualmente podem dividir-se em classes em que são: elite e proletariado. Os receptores dessas informações nem sempre entendem ou assimilam o seu conteúdo, mas, admitem que seu comportamento, emoções e sentimentos dependem de suas características individuais, ou seja, depende da cultura que lhes foi imposta.

Atualmente, vê-se a cultura como espaço de liberdade de expressão e melhoria de saúde e qualidade de vida. Logo, ir ao teatro, cinema, exercitar-se e realizar atividades esportivas são ações culturais desenvolvidas no Brasil. Segundo Peres *et al.* (2005),

O lazer, sem dúvida, ocorre num tempo específico caracterizado pela ausência de um certo gênero de obrigações e deveres profissionais, familiares, religiosos, entre outros. Consequentemente, é caracterizado como o espaço do lúdico e prazeroso vinculado à satisfação pessoal sem fins funcionais e utilitários, expressando a cultura de um grupo ou sociedade (PERES *et al.*, 2005, p.6).

Contudo, os indivíduos que moram em zonas periféricas nem sempre possuem o privilégio de exercer o direito de lazer e cultura. A segregação e estratificação revelam e corroboram com as concepções de Bourdieu (1983), pois, para ele, por exemplo, o esporte é um conjunto de práticas e de consumo esportivo. Suas indagações retomam essa afirmativa,

Primeiro lugar existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os "produtos esportivos", isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos

disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? Segundo, quais são as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes "produtos esportivos" assim produzidos, prática do golfe ou do esqui, leitura de jornais esportivos, reportagem televisionada da copa do mundo de futebol? Dito de outra maneira, como se produz a demanda dos "produtos esportivos", como as pessoas passam a ter o "gosto" pelo esporte e justamente por um esporte mais que outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (BOURDIEU, 1983, p. 136).

Ou seja, o esporte pode ser visto como prática (quem pratica o esporte) e como espetáculo (consumo), e é importante compreender qual é aquele que vai produzir uma diferença na vida do indivíduo quanto à mobilidade social, pois, mesmo que a prática seja o fator principal de mobilidade, não é algo simples e de fácil acesso. No futebol, por exemplo, os torcedores dedicam-se para auxiliarem seus clubes (como mostra a reportagem do O Globo⁴), mas, tornar-se um jogador profissional e praticar o esporte já não é uma realidade tão próxima. Por isso, é importante tecer críticas sobre a forma estrutural em que o esporte e o futebol são vistos no âmbito social das esferas públicas, em grandes clubes e organizações de eventos.

No Brasil, o esporte aparece com um potencial altamente educativo, quando inserido na escola, ele busca incentivar o aluno na educação e na atividade física (SANCHES; RUBIO, 2011). Ainda sobre o olhar de Sanches e Rubio (2011) é possível analisar que o esporte tem duas faces, a primeira refere-se a um caráter excludente e cruel, já a outra ao fascínio e paixão pela prática. Nessa segunda perspectiva o cidadão se sente importante ao fazer parte de um time esportivo, pois há uma série de portas abertas se houver determinação e força de vontade.

É possível compreender que os jogadores profissionais de futebol de campo que atuam em clubes nacionais possuam inúmeros benefícios, mas, trazem também vantagens a economia do país. Segundo Soares *et al.* (2011, p. 909):

O negócio futebol tem peso considerável na exportação brasileira. As vendas de jogadores estão entre os serviços exportados pelo país que apresentou aumento de 34% em 2005 (cerca de US\$ 6 bilhões). Esse grupo de serviços representa 40% das exportações brasileiras (toda a exportação brasileira de serviços gerou US\$ 16 bilhões em 2005) (ALCANTARA, 2006, p. 299).

Ou seja, o futebol é um setor econômico fortíssimo e por isso o alcance a prática é muito dificultoso. Nem todo adolescente consegue tornar seu sonho de ser

⁴ Torcedores ajudam financeiramente em vaquinhas e assinaturas de carteirinha (mensal) seus times de coração. "Esse valor é inexpressivo pelas vitórias e pelas alegrias que esse clube já me deu", diz Seu Zé Antônio. (O GLOBO, 2014).

jogador de futebol uma realidade. O deslumbre de poder participar de um campeonato escolar ou até uma olimpíada com milhares de pessoas assistindo, o poder, a força da mudança social e econômica de um indivíduo. “É nessa perspectiva que os grandes campeonatos, os jogos olímpicos, pan-americanos, mundiais de clubes e as copas do mundo tornaram-se megaeventos esportivos” (RUBIO, 2007) (figura 1).

Figura 1-Estádio lotado em Copa do Mundo



Fonte: Albuquerque, 2018.

A figura revela que o público brasileiro é bastante favorável a prática esportiva e principal apoiador dela. Traz a eles um sopro de felicidade, adrenalina, convívio social. Contudo, por detrás desses megaeventos podemos constatar milhares de indivíduos beirando a extrema pobreza e os recursos arrecadados por grandes clubes são apenas para enriquecer-se e aqueles que fazem parte de seus grupos. Exemplo disso está o ano de 1970 com a celebração da copa do mundo durante a ditadura militar, aonde houve uma “montagem de um aparato de propaganda eficiente durante o regime ditatorial” (AQUINO, 1999, p.15) que,

Foi responsável pela veiculação de imagens positivas e mensagens nacionalistas do Governo, inclusive aquelas relacionadas às vitórias brasileiras no futebol. O título mundial de futebol de 1970 forneceu subsídios para as alegações sobre o esporte como um manipulador social (AQUINO, 1999).

Acontece que enquanto esse evento midiático ocorria, a população padecia de desemprego, fome e miséria. Nos dias de hoje se constata a mesma realidade, pois dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2021 sinalizam que o Brasil possuía 13,5 milhões de desempregados, mas, o futebol continua diariamente nos meios de comunicação, os campeonatos não param, isso de certa forma traz uma falsa sensação estabilidade, uma imagem de um país agradável (INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021).

Contudo, a sociologia do esporte é uma área específica e particular que estuda fenômenos esportivos e sociais a partir das articulações entre cultura, economia e política. Para Murad (2009) “O esporte é o lúdico socialmente organizado, institucionalizado, com regras aceitas internacionalmente, apresentando hierarquias, papéis e funções, como, de uma maneira geral, podemos ver em todas as

instituições”. E nesse ponto de vista o futebol de campo tem uma organização mercadológica estruturada, o que faz com que o setor econômico seja muito movimentado por ele.

Para tanto, o estudo aprofundou-se no esporte futebolístico para compreender como o futebol pode promover a mobilidade social. No contexto histórico o futebol, era para a elite, um momento de lazer e diversão, onde jogar bola de forma amadora não havia envolvimento com interesses econômicos. Contudo, jogadores das classes operárias não tinham esse privilégio, já que precisavam exercer duas profissões, que muitas vezes exigiam desgaste físico e mental. A partir desse ponto de vista os jogadores operários pressionavam os clubes de futebol pela profissionalização. “Os jogadores de futebol eram trabalhadores, exerciam outras atividades além do futebol, pois não eram profissionais. Aqui vale lembrar dois exemplos clássicos de jogador operário: Garrincha e Tesourinha” (RODRIGUES, 2005, p. 116) Garrincha jogou no Sport Clube Pau Grande na década de 40 e ao atuar no time, tinha como recompensa presentes e gratificações. Já Tesourinha, atuante no time SC Internacional também na década de 40, assinou seu primeiro contrato com valor mensal de “200\$000 e mais dois litros de leite e um quilo de carne diariamente” (RODRIGUES, 2005, p.117).

A realidade desses processos no futebol e contratações mudou muito da década de 40 para os dias atuais, os salários são bem-vistos, as premiações e todo um benefício relacionado à saúde e bem-estar, precisando apenas dedicar-se ao futebol. Mas, a classe operária precisa dedicar-se muito para conseguir atenção nesse meio, principalmente porque envolve valores multimilionários tanto para clubes, jogadores, técnicos e federações que propõe campeonatos.

A lei Pelé criada em 1998 regulamenta regras para o desporto e “instituem novas regras para as transações comerciais dos jogadores, e modifica o cenário de renegociação de contratos. Essa mudança criou facilidades e benefícios para todos os atores envolvidos nas transações” (MCGILLIVRAY; MCNTOSH, 2006 apud SOARES et. al, 2011). Jogadores, empresários, clubes e patrocinadores fazem parte dessa negociação e por isso jogadores considerados muito bons conseguem com facilidade migrar para times que paguem melhor, já que existe uma cadeia de interessados (que ganharão também) na transação. Logo, o discurso de jogar por amor a camisa nem sempre pode ser utilizado nessa adaptação mercadológica.

A partir dessas informações, é possível observar que para garantir o ingresso em times do exterior é cada vez mais selecionado e dificultoso, atingir o tão sonhado salário de milhões é tarefa árdua e não deve ser romantizada. Contudo, o

comportamento da sociedade com relação ao sonho de mobilidade social faz com que as escolinhas de futebol lotem, que as crianças e adolescentes virem aposta da família e como consequência as frustrações. Uma pesquisa aplicada na cidade de Bauru-SP (2014) revelou dados que descrevem que,

Os vários motivos alegados pelos meninos para seus desejos de se tornarem jogadores de futebol: integração social, maior contato com os amigos, e ganhar a vida fazendo algo de que gostam muito, que lhes dá prazer. Tal resultado contrariou nossas expectativas iniciais, de que a possibilidade de ganhar dinheiro e obter fama seriam os motivos primários (MACAGNAN; BETTI, 2014, p.54).

4 A PRÁTICA DE FUTEBOL DE CAMPO ASSOCIADA A MOBILIDADE SOCIAL DE ATLETAS QUE CONSEGUIRAM INGRESSAR NO FUTEBOL PROFISSIONAL.

O futebol era um esporte elitizado e os brasileiros não estavam acostumados. Segundo DaMatta (2006, p. 141) “Habituada a jogar, não a competir, a sociedade brasileira, construída e dinamizada por favores, hierarquias, clientes, e abarrotada de ranço aristocrático e escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol”. Contudo, DaMatta (2006) discute que mesmo o futebol criado e inventado para divertir e disciplinar, transformou-se para brasileiros em uma atividade que proporciona igualdade e democracia.

Bourdieu (1998) discute que o esporte e sua dimensão cultural proporciona e mantém a estrutura da estratificação social, onde segundo Bueno e Rodrigues (2014, p.941) “é importante entender eventuais relações entre os temas da cultura, da dominação e da desigualdade na sociedade capitalista”.

O Brasil é um país de desigualdade elevada e políticas públicas insuficientes, segundo Silva (2010, p. 45) “o que se tem é um grande contingente populacional que sempre esteve à margem da sociedade; que nunca teve inserção no trabalho formal nem participou da sociabilidade ordinária”, são indivíduos excluídos da sociedade e esse é um ponto crítico na estrutura social.

As políticas públicas são ações praticadas pelo governo com o intuito de minimizar as diferenças sociais seja na educação, saúde ou cultura. Segundo Souza (2006, p. 4) Laswell (1936) ainda nos anos 30, tem as políticas públicas “como forma de conciliar conhecimento científico/acadêmico com a produção empírica dos governos e também como forma de estabelecer o diálogo entre cientistas sociais, grupos de interesse e governo”. Esse modelo permitiu que a racionalidade fosse utilizada como forma de excluir interesses próprios e fundamentasse as atividades e implementações de programas para quem realmente precisasse, contudo, é notável

que as políticas públicas são construídas através de um interesse próprio dos governantes, como corrobora Souza (2006, p. 6) “as definições de políticas públicas, mesmo as minimalistas, guiam o nosso olhar para o *locus* onde os embates em torno de interesses, preferências e ideias se desenvolvem, isto é, os governos”.

Na área esportiva, como o futebol de campo, vislumbra-se uma profissão promissora, contudo de difícil acesso, e cria-se o mito de que o brasileiro nasce com a bola no pé e que todo esse processo é nato, mas a realidade é bem diferente, e as políticas públicas voltadas para essa questão cada vez menores. Giglio et al. (2008, p. 2) discute que “o desenvolvimento do fenômeno leva muitas pessoas a negarem tal significação, pois dá uma ideia de que os brasileiros já nascem sabendo jogar futebol, como se tivessem sofrido uma mutação genética ou herdado um dom divino para tal”, quanto na verdade exige muita dedicação ou subsídios que façam o indivíduo ascender na profissão e garantir uma mudança de vida real.

DaMatta (2006) menciona em sua publicação “a bola corre mais que o homem” que o brasileiro passou a usar o futebol como arma para esconder suas mazelas e ainda evidencia a paixão do torcedor pelo esporte. Contudo, posiciona-se sobre a mobilidade social e como ela é importante quando envolve o indivíduo nascido na área periférica e a oportunidade de viajar para outros municípios, estados ou países, que sem o futebol não seria uma possibilidade nunca.

A questão cultural é outro aspecto importante para descrever o quanto o futebol é necessário para o brasileiro e se tornou parte do dia a dia. Segundo Bueno e Rodrigues (2014, p. 845) “A cultura tende a funcionar no sentido de preservar e reproduzir uma ordem social existente através da conservação e manutenção das posições e divisões no espaço social e, mais particularmente, ela abriga posições dominantes”.

O cenário do Brasil em relação aos jovens é preocupante, pois a ausência de emprego e oportunidade educacional pode maximizar a estratificação social e tornar o país uma problemática incontrolável. Por esse motivo o futebol manifestado desde a primeira fase escolar da criança pode ser um grande diferencial na sua mudança de estrato. Contudo, a educação e o esporte precisam andar juntos para que a questão cognitiva e senso crítico do indivíduo sejam exercitados, principalmente relacionados à política do país.

Ressalta-se que para a criança que pertence à posição de estrato baixa, possui outras obrigações que vão além do estudo, como auxiliar a família com a criação de irmãos, ou o pai em alguma atividade laboral para complementar a renda. Essa ação faz com que haja carência no aprendizado e muitas vezes a evasão escolar

(SOUSA; ALBERTO, 2008). Além disso, a escola tem o professor desmotivado (também por culpa governamental, baixos salários, falta de estrutura adequada) que prejudica ainda mais o ensino-aprendizagem. Por esse motivo, julga-se que o esporte é mais um alicerce de mobilidade social.

É importante destacar que a profissionalização do jogador de futebol está inserida em um processo de racionalização e diferenciação cultural, não implica dizer que toda criança que passe por uma escolinha será bem-sucedido nos campos e conseguirá mobilidade social (RODRIGUES, 2005, p. 115).

Logo, adolescentes que vivem no Brasil e moram em regiões periféricas precisam investir desde a infância em ações que proporcionem a sua entrada no futebol de campo profissional. Nogueira (2011, p. 7) menciona que “apesar da desigualdade social marcar indiscriminadamente diversas parcelas da população, os grupos situados entre 15 e 29 anos são particularmente atingidos por processos de exclusão”. Essa argumentação reforça que é imprescindível que um adolescente com idade entre 12 a 18 anos, que queira se profissionalizar no futebol, procure escolinhas que auxiliem seu desempenho com ajuda de profissionais capacitados, que tenha cuidados médicos para evitar lesões. Contudo, para quem reside em regiões que não há segurança, saneamento básico, saúde e educação, as condições para profissionalizar-se ficam cada vez mais escassas.

A mobilidade associada ao futebol existe, e pode ser vista um exemplo contemporâneo, pois temos o jogador Neymar que está entre os 10 melhores jogadores do mundo recebendo cifras estratosféricas, tendo nascido no interior de São Paulo, em Mogi das Cruzes, e com 11 anos de idade já chamava a atenção de especialistas de futebol. Nessa época, jogava na equipe de futebol de salão da Portuguesa Santista”, atualmente é uma das grandes estrelas do futebol mundial atuando pelo equipe do Paris Saint-Germain/FRA, tendo acumulado fortuna. No entanto, é preciso desromantizar a mobilidade social para quem ainda padece sem ações de políticas públicas e está muito atrás na educação, cultura e saúde (FRAZÃO, 2014). Neymar é um exemplo de jogador que foi ao exterior e os fatores que o levaram a essa realidade foram vários, primeiramente o condicionamento físico e sua habilidade com a bola, junto a isso o poder de marketing investido nele influenciou enormemente. As vantagens competitivas mais comuns são “propriedades tecnológicas, os processos, patentes e marcas” (NIELAND, 2020) que conseguem alavancar a carreira de um indivíduo que joga futebol (marketing⁵).

⁵ “A propaganda é um instrumento utilizado para a diferenciação de produtos e o objetivo da empresa ao fazer esse investimento, é influenciar na formação das preferências dos 16 consumidores, aumentando a demanda do seu produto” (ESCOBAR, 2010).

Sendo assim, “A primeira premissa da teoria sugere que uma empresa irá se internacionalizar gradualmente, iniciando, normalmente, pelo processo de exportação por meio de um agente, seguindo com a instalação de uma subsidiária de vendas” (NIELAND, 2020) e, por fim, criando um processo bastante produtivo no país para manter-se em ascensão.

No Estado do Maranhão, mais precisamente no município de Coelho Neto – MA, há um caso de sucesso e mobilidade social, o do jogador Elkeson de Oliveira Cardoso que nasceu em 1989, e iniciou sua carreira no futebol de campo aos 10 anos, quando se mudou para a cidade de Marabá no Pará, chamando a atenção em escolinhas de futebol locais. Aos 14 anos conseguiu entrar para categorias de base do Esporte Clube Vitória da Bahia de 2001 a 2009. Estreou como profissional no elenco principal no clube em 2009 aos 19 anos de idade (PORTAL DO GREMISTA, 2022).

Elkeson destacou-se no futebol baiano através de “diversas facetas que o tornaram um bom atacante. Além de muita força no campo ofensivo, o atleta passou a se destacar pela velocidade e boa finalização, marcas que carrega até hoje” (PORTAL DO GREMISTA, 2022, p.1), e isso lhe rendeu “dois títulos baianos (2009 e 2010) e uma Copa do Nordeste (2010)” (PORTAL DO GREMISTA, 2022, p.1).

No ano de 2011, o atleta foi transferido para o clube do Botafogo de Futebol e Regatas, do estado do Rio Janeiro, por conta de seu sucesso no Vitória. Pelo Botafogo “em 92 jogos o jogador marcou 26 gols e foi importante nas campanhas do clube carioca” (PORTAL DO GREMISTA, 2022, p.1), e mesmo sem ter conquistado nenhum título, chamou a atenção e se tornou um importante atacante no futebol brasileiro. Ou seja, Elkeson que saiu de uma cidadezinha do interior do Maranhão, que no ano de 2009, tinha pouco mais de 46 mil habitantes e um índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,564 (IBGE, 2010), conseguiu diante de inúmeras dificuldades se destacar no futebol tendo em 2013, sido levado para atuar no futebol Chinês (Figura 1) aonde se destacou tanto, que acabou por receber o convite do Governo Chinês para se naturalizar e liderar a seleção do país nas eliminatórias para a copa do mundo. Além disso, “ele foi premiado com a Chuteira de Ouro na Superliga Chinesa em 2013 e 2014 jogando pelo Guangzhou Evergrande. Também foi considerado o Futebolista do Ano na China em 2014” (PORTAL DO GREMISTA, 2022, p.1).

O que se nota em toda essa caminhada percorrida pelo atleta é que a mobilidade social vivenciada por ele e pela família foi de muito sucesso. O futebol alavancou sua vida e fez com que ele fosse morar e trabalhar em um país

extremamente desenvolvido, recebendo financeiramente muito bem e sendo conhecido internacionalmente pelo seu futebol evidenciado pelas mídias (Figura 1). Para conseguir jogar em outro país, Elkeson mostrou através da sua habilidade com a bola o fator preponderante para ingressar em um dos principais times chineses, o que o impulsionou a figurar no hall dos 10 jogadores brasileiros de futebol mais bem remunerados no mundo, assim sendo, após conquistar sua independência financeira e de sua família, Elkeson retornou ao futebol brasileiro este ano (2022), tendo assinado contrato com o Grêmio de Futebol Porto Alegre - RS.

Figura 2- Elkeson no time chinês



Fonte: Instagram: oficialelksen09, 2022.

Outro atleta com história muito parecida é Françoaldo Sena de Souza, mais conhecido como França. Também nascido no Estado do Maranhão em 1976, na cidade de Codó. Começou carreira profissional no time do Nacional/PA em 1993, com 17 anos (UOL, 2020). “O talento para marcar gols lhe rendeu um bom contrato com o São Paulo, que acertou sua transferência em 1996. Nos seis anos em que defendeu a equipe do Morumbi” (UOL, 2020).

No ano de 2002 França “foi negociado com o Bayer Leverkusen – ALE, e teria a difícil tarefa de se adequar ao estilo de jogo do Campeonato Alemão”. Nesse mesmo ano aconteceu à copa do mundo e infelizmente França sofreu uma grave lesão e não foi escalado para participar (UOL, 2020).

Ressalta-se que no time Bayer Leverkusen ele conquistou o direito de jogar a liga dos campeões e também “venceu um clássico contra o [Bayern Munique](#) por 4 a 1, fazendo dois gols, e o Real Madrid, por 3 a 0” (UOL, 2020). Por fim, encerrou sua carreira em 2011 (com 35 anos) em um time japonês. Percebe-se que França teve uma grande mobilidade social por meio do futebol (Figura 3).

Figura 3-França nas redes sociais



Fonte: Instagram: franca9official, 2022.

Atualmente com 46 anos, mostra em suas redes sociais sua vida com carros de luxo (figura 3) e festas importantes com famosos, sendo assim, França é um caso de sucesso diante da mobilidade social através do futebol.

Contudo, há o outro lado da moeda, tendo em vista, que nem todo jovem consegue atingir o estrelato no futebol e chegar a clube de expressão nacional ou internacional, alguns chegam até se profissionalizarem, porém, não se destacam tanto, como o caso de Anaílson Brito Noletto, Nascido em 1978 na cidade de Estreito no Estado do Maranhão. Ele atuava como meia-atacante nos times em que passou, e de 1998 a 2017 atuou em 237 jogos e fez 30 gols em alguns times, como: Rio Branco-SP, Marília, São Caetano, Atlético Goianiense, Sobradinho (OGOL, 2017). Participou de vários clubes nacionais, mas não conseguiu grande destaque dentro do futebol, onde disputou alguns campeonatos estaduais, como o paulista e o goiano, e também participou do campeonato brasileiro da série C, contudo, foi apenas com essas apresentações que ele viveu sua carreira futebolística. Atualmente, Anaílson é treinador de futebol de um time chamado Teresópolis (OGOL, 2017).

A partir de todo esse estudo é possível identificar que para conseguir uma carreira de sucesso no futebol depende-se de inúmeros fatores, principalmente físicos (evitar lesões, treinos pesados) e mentais (saber lidar com a pressão da torcida, do técnico e clube) (estrutura para o atleta). Contudo, percebe-se que todos conseguiram uma mobilidade social, conseguiram sair da classe em que nasceram e melhorar consideravelmente de vida. Mas, reforça-se que todos começaram muito cedo no futebol e tiveram ajuda e oportunidade, toda uma estrutura por trás que possibilitaram chegar em clubes profissionais, por isso que o estudo aponta que o futebol pode ser um caminho de mobilidade social, entretanto depende de inúmeros fatores associados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as informações levantadas no decorrer do estudo, foi possível identificar que a pobreza das sociedades é intensificada por vários motivos, em especial pelo fato de que ainda é imposta a classe operária crenças limitantes (tal qual, não ser capaz de pleitear um cargo de trabalho, que não conseguirá atingir o sucesso) que favorecem a construção sobre dificuldade de ascensão, tendo em vista, não haver políticas públicas que lhes deem suporte para que possam galgar novas possibilidades de ascensão social.

O esporte é visto no decorrer do estudo como um facilitador de oportunidades, contudo, é preciso que nele a indivíduo consiga prestar tempo necessário para treinos, cuida-se quanto a lesões e alimentar-se bem, ações que para indivíduos de classe baixa, que se encontram na pobreza ou extrema pobreza, não é uma realidade. Por isso, discute-se muito sobre políticas públicas esportivas que profissionalizem.

O futebol é uma atividade que causa mobilidade social horizontal e vertical, tanto para quem assiste, torce e consegue se desligar da realidade em que pertence como para quem se profissionaliza e muda de vida. Nesse sentido, a problemática do estudo foi respondida quando menciona que o futebol é um esporte que consegue reconhecer a habilidade e com isso conduzir o indivíduo para outras regiões (como sair do Brasil para o exterior), mas, aqueles que saem de regiões periféricas ainda são poucos, logo essa mobilidade social ainda é segregada.

É importante compreender o pensamento de Bourdieu quando se fala de profissionalização e como ela pode junto com o esporte pode contribuir para mobilidade social, contudo, nem sempre será a porta para que essa mudança aconteça na vida do indivíduo. Damatta (2006, p. 157) comenta sobre comportamentos, cultura e como o futebol consegue aproximar classes em um só propósito, mas que os sonhos de mudar de vida através do futebol ainda é algo não palpável para a maioria dos indivíduos.

Os resultados obtidos destacam que os fatores para profissionalização no esporte e o alcance para inserção em times do exterior se dá por fatores de influência da mídia, dos empresários e treinadores, bem como pelo atleta e sua dedicação ao esporte.

Observou-se que os atletas maranhenses que conseguiram ingressar em times estrangeiros começaram muito jovem a jogar bola, fizeram o uso de escolinhas

e dedicaram muito tempo de suas vidas para o esporte. Logo, percebe-se que não é nada fácil ser jogador de futebol profissional e ir para o exterior.

REFERÊNCIAS

.AGUIAR, N. org. **Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALCÂNTARA, H. A magia do futebol. **Revista Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, 297-313 p. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10162>. Acesso em: 15 de dezembro.

ALMEIDA, Tobias, SOUZA, Divaldo. **ABANDONO DOS ESTUDOS: uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA**. 2013. Disponível em: https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2013.1/TOBIAS_ALMEIDA.pdf. Acesso em: 15 julho 2022.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura imprensa e estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência**. O Estado de São Paulo e o Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

BACHELARD, G. A formação do espírito científico. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BISHOP D. **An applied research model for the sport sciences**. Sports Med. V. 38 2008, p. 253-63.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe**. A Economia das Trocas. 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Escritos de Educação. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Presença, 2009.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003**. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. **Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União, 1990.

CRUZ, Luciano. **Esporte e mobilidade social: estudo a partir do centro de excelência do basquetebol/paraná basquete**. Trabalho de conclusão de curso (dissertação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

DAMO, A. **Do dom a profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ESCOBAR, Roberto. **Marketing esportivo aplicado ao futebol: uma fonte de viabilidade econômica**. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia). Curso de Ciências econômicas. Universidade do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2544/1/RGEscobar.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2022.

FAGUNDES, Geraldo de Andrade .algumas reflexões em torno dos conceitos de habitus, campo e capital cultural. **Rev. Café**, V. 6, n. 2. p. 103-123, mai./jul. 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia Neymar**. 2015. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/neymar/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GIGLIO, Sérgio et al. O dom de jogar bola. **Horiz. antropol**. V. 14, n. 30, 2008. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200003>.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Educação em Revista. **Um olhar sobre a cultura**, Belo Horizonte, v. 30, ed. 3, p. 15-41, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/g9PftWn8KMYfNPBs7TLfC8D/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). O que é desemprego? 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 26 dez. 2021.

IBGE. Dados município Coelho Neto. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/coelho-neto/panorama>. Acesso em: 13 jun. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS. **Estatísticas e indicadores educacionais**. 2019. Disponível em: http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6960488 . Acesso em: 12 jun. 2021.

LOPES, Felipe Tavares. **PSICOLOGIA POLÍTICA. Futebol, Massa e Poder**: reflexões sobre a “teoria do contágio”, [s. l.], v. 15, ed. 34, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n34/v15n34a03.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte na escola. **Revista Movimento**. UFRS. Ano VII. Nº 15, 2011.

.MASCARENHAS, G. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85. ISBN 978-85-232-1238-4.

MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro**. Estudos avançados, v.13, 1999.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MENDES, Gilmar Ferreira. **Tendências e expectativas do Direito Desportivo**. In: Direito Desportivo. Campinas: Ed. Mizuno, 2000.

MURAD, Sérgio. **Sociologia do esporte**. 2009. Disponível em: https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/congressos/ccd2009/palestras/mauricio_murad.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

OGOL. **Anáilson**. 2017. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/player.php?id=5584>. Acesso em: 12 jun. 2022.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 178 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PAES, Lucas. **Válber: O craque que esteve perto do sucesso, mas não vingou**. 2017. Disponível em: <https://www.ocuriosodofutebol.com.br/2017/12/valber-o-craque-que-esteve-perto-do.html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Mobilidade social uma avaliação comparativa. **Rev. adm. empres.** Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, jan/ Dez 1973. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901973000400002>.

PERES, Fabio de Faria; BODSTEIN, Regina; RAMOS, Célia Leitão;

MARCONDES, Willer Baumgarten. Departamento de Ciências Sociais. **Lazer, esporte e cultura na agenda local: a experiência de promoção da saúde em Manguinhos, Rio de Janeiro RJ, 2005**. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csc/2005.v10n3/757-769/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

PITOMBEIRA, Delane Felinto; OLIVEIRA, Lucia Conde. Ciênc. saúde coletiva. **Pobreza e desigualdades sociais: tensões entre direitos, austeridade e suas implicações na atenção primária**, [s. l.], v. 25, ed. 5, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33972019>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25n5/1699-1708/pt/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

PORTAL GREMISTA. **Elkeson: conheça o jogador que pode ser reforço do grêmio**. 2022. Disponível em: <https://portaldogremista.com.br/elkeson-conheca-o-jogador-que-pode-ser-reforco-do-gremio/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

RIAL, C. S. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163-190, jul./dez. 2006.

RODRIGUES, Francisco. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. **Sociedade e cultura**, V. 8, N. 1, JAN./JUN. 2005.

RUBIO, Simone Meyer. Educação e Pesquisa. **A prática esportiva como ferramenta educacional**: trabalhando valores e a resiliência, São Paulo, v. 37, ed. 4, p. 825-842, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/r6k3NtLmXDhwcRrDLcvWnwq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. **Rev. Katálysis**, V. 13, N. 2. 2010. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000200002>.

SILVA, Frederico Barbosa et al. Políticas sociais no Brasil: participação social, conselhos e parcerias. In: Luciana de Barros Jaccoud. **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo**. Brasília: IPEA, 2010, 435 p.

SOARES, Antônio et al. Jogadores de futebol no brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista ciência do esporte**, v. 33, n. 4, 2011. ISSN: 0101-3289.

STAMBULOVA N, ALFERMANN D, STATLER TA, CÔTÉ J. Posição ISSP: desenvolvimento de carreira e transições de atletas. **J Sport Exerc Psychol**, v. 7, 2009,395–412 p. Doi: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671916>.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classes. In: Antônio Roberto Bertelli et al. (orgs.). **Estrutura de Classes e Estratificação Social**. ZAHAR: Rio de Janeiro, 1969, 142 p.

UOL. **França**. 2020. Disponível: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/franca-5781#:~:text=Natural%20de%20Cod%C3%B3%20no%20Maranh%C3%A3o,sucesso%20no%20estadual%20daquele%20ano>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VIVEIROS, L. et. al. Ciência do Esporte no Brasil: reflexões sobre o desenvolvimento das pesquisas, o cenário atual e as perspectivas futuras. **Rev. bras. educ. fís. Esporte**. São Paulo, v.29, n.1. jan/mar 2015. Doi: <https://doi.org/10.1590/1807-55092015000100163>.